A PSICOLOGIA DOS CONTOS DE FADAS

VANESSA VOLPI MACHADO

RESUMO

Este estudo propõe examinar o papel funcional dos contos de fadas na construção do indivíduo, com ênfase na etapa da infância. Realiza um trajeto em várias análises desta literatura, apresentando a perspectiva de autores especialistas no campo, elucidando assim, o impacto dos contos na compreensão dos conflitos internos da criança e sua possível resolução, destacando também a compreensão da estrutura da personalidade que está associada à resolução destes conflitos. Posteriormente, esclarece a relevância da fantasia no desenvolvimento infantil e o significado dos símbolos nos contos de fadas. Os resultados alcançados com este estudo são a influência positiva que os contos de fadas têm na vida da criança, no que se refere ao autoconhecimento, possibilitando assim uma interação compreensível com a sociedade e com os outros.

Palavras-chave: Conflitos Internos; Criança; Literatura

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas vêm de antigas tradições orais; A sua origem é geralmente atribuída à época medieval e estão ligadas à religiosidade, aos mitos e aos ritos de iniciação de comunidades arcaicas. Originárias de culturas muito diversas, a sua difusão e contínua reformulação na tradição popular, que perdura até hoje, permite que sejam caracterizadas como histórias arquetípicas transculturais. Eles entram na tradição literária pelas mãos de autores influentes como Charles Perrault, na França do século XVII, e os Irmãos Grimm, na Alemanha do século XIX. Muitos desses autores utilizaram a narrativa ficcional para chegar ao público, com o propósito de transmitir valores e representações sociais de suas comunidades de origem.

Em geral, [as personagens] são poucas e apresentando grande unidade; às vezes crianças, outras jovens em idade de casar. Podem proceder de uma cabana muito pobre ou de um faustoso palácio encantado. Sua origem, as características que as distinguem, o modo com atuam são sempre extremamente exageradas. Ou são excessivamente boas ou medrosas, belas ou tragicamente feias, ou perversas ou covardes, ou valentes e nobres; ou são anõezinhos, ou gigantes, bruxas ou princesas, reis disfarçados de mendigos ou mendigos convertidos em reis e cavaleiros (GOES,1991, p.116).

Quem se dedica ao campo da psicologia e neste caso da psicologia infantil, pode perceber que as histórias clássicas, como Bruno Bettelheim as viu em seu livro "Psicanálise dos Contos de Fadas" (2012), são histórias que ajudam a compreender e aprender com a vida. Por exemplo, sobre aspectos da sociedade, da família e da cultura, que em geral são frequentemente censurados: inveja, ressentimento, necessidade de certos pais anularem os filhos, abandono emocional, psicológico e por vezes (também físico) dos filhos, conflitos e ciúme entre irmãos ou existência de personalidades destrutivas e prejudiciais dentro da própria família ou também no ambiente imediato.

Bettleheim (1903-1990), como autor psicodinâmico, realizou com este livro uma análise dos significados inconscientes e simbólicos encontrados nas histórias de contos de fadas. Esta abordagem baseia-se na teoria psicanalítica de Sigmund Freud e na obra de Carl Jung, e sugere que os contos de fadas têm valor terapêutico e podem ajudar as pessoas a compreender os seus conflitos internos e a resolver os seus problemas emocionais.

A psicanálise dos contos de fadas sugere que muitos dos elementos dessas histórias, como personagens, objetos e cenários, podem ser interpretados simbolicamente. Por exemplo, a figura do herói ou da heroína pode representar o ego ou a consciência do indivíduo, enquanto o vilão ou a bruxa podem simbolizar as forças negativas do inconsciente ou personalidades destrutivas e muito prejudiciais, como algumas mães ou pais com personalidade psicopatogênica (Piñuel, 2020) ou pessoas desconhecidas com as quais se deve ter cautela devido à sua capacidade de destruição, embora pareçam ter outra imagem: a bruxa de João e Maria ou o Lobo de Chapeuzinho Vermelho disfarçado de avó, como será analisado posteriormente.

Outra análise é o objeto mágico, como uma varinha mágica ou uma poção, que pode simbolizar a capacidade de mudar ou transformar aspectos de si mesmo ou do mundo. Também podem ser analisadas as ações dos personagens e os acontecimentos da história, e como eles se relacionam com os conflitos internos dos indivíduos.

Dessa forma, Bettellheim tentou encontrar os significados ocultos nessas histórias e como elas podem ajudar as pessoas a compreenderem a si mesmas, seu mundo interno e o mundo externo.

A VISÃO ATUAL DOS CONTOS DE FADAS

O doutor em psicologia e psicoterapeuta Manuel Villegas (2013), vê nas histórias clássicas um recurso analógico, uma forma de entrar na parte mais inconsciente e menos racional, dentro dos recursos terapêuticos: "O terapeuta pode utilizar recursos de ditos a qualquer momento para fins terapêuticos agindo não na capacidade de raciocínio do paciente, mas na sua imaginação ou sensibilidade, facilitando assim o acesso ao conhecimento ou à reflexão de forma indireta.

Vamos analisar algumas dessas histórias, assim como fez Bruno Bettellheim (2012), a partir da profunda visão psicológica que emerge das histórias clássicas.

Branca de Neve: onde a história original segundo Heinrich Dickerhoff, presidente da European Story Society, era a mãe e não a madrasta. A mãe se apresenta com um dos sentimentos tabus da sociedade entre mãe e filha, como a inveja da beleza e da juventude da filha. Essa história ajuda as filhas a se reconhecerem na história, que, assim como a protagonista, são agredidas por mães que invejam suas virtudes, como aponta a psiquiatra e psicoterapeuta Marie-France Hirigoyen em seu livro "Assédio Moral" (1999).

Este conflito interpessoal mãe-filha que nunca pode ser reconhecido a nível social, mas que raramente ocorre na terapia. A nível simbólico, graças a esta história, a menina pode identificar-se e esperar, tal como a protagonista, que no futuro haja salvação dos contínuos ataques à sua identidade e autoestima: quando alguém (aquele príncipe encantado) reconhece suas virtudes e a ama de verdade, para protegê-la da mãe narcisista que em algumas famílias domina e controla. Como aponta um dos pacientes mencionados no livro de Hirigoyen: "Ela constantemente tem a impressão de que sua mãe pratica condicionamento negativo nela, uma espécie de lavagem cerebral destinada a rebaixá-la".

Pinóquio: Conta-se a história de um filho tão desejado por um pai que, como um milagre, ganha vida a partir de uma boneca. Em seu desenvolvimento, ele terá que aprender a moral ou a ética que deve reger sua vida, que a princípio esse guia será alguém externo que o guia (jinny cricket), mas que uma vez que ele experimente e escolha a existência correta, isso o transformará em um humano com moralidade.

Nesse caminho você terá que tomar cuidado com aqueles que parecem amar crianças e que seduzem com diversão, comida e suposta liberdade (conceito que continua a ser usado por quem quer seduzir em nossa sociedade), esses sedutores são Stromboli e o cocheiro que consegue enganar Pinóquio até que ele seja capturado e escravizado (que é o que qualquer sedutor ou sedutora que finge dar, dar liberdade, etc.) quer fazer. Esses sedutores também podem estar dentro da própria família, onde a superproteção é utilizada para dar tudo o que a criança supostamente precisa para gerar dependência e, portanto, escravização.

João e o Pé de Feijão: onde na última seção da história, João subindo na planta mágica, encontra o ogro gigante. Este ogro representa um pai destrutivo, que deseja a morte psicológica de João, sua falta de desenvolvimento, pois pode entrar em conflito ou competição com ele. João, por meio da coragem, não se deixando controlar pelo medo de ser destruído, alcança a galinha dos ovos de ouro, que nada mais é do que a possibilidade de produzir, de prosperar, sem aquele pai destrutivo.

Chapeuzinho Vermelho: Há alguns anos, apareceu em vários jornais a notícia de que uma escola de Barcelona proibia a leitura de histórias clássicas, incluindo Chapeuzinho Vermelho, por conterem mensagens sexistas, tóxicas ou sexistas. A manchete de um dos jornais era a seguinte: 'Chapeuzinho Vermelho' banido por ser sexista. Uma escola em Barcelona remove 200 histórias infantis de sua biblioteca por considerá-las "tóxicas "

Em resposta a essa censura e veto, não só de Chapeuzinho Vermelho, mas de outros 200 títulos infantis, a história de Chapeuzinho Vermelho é analisada a seguir. O que a história do Chapeuzinho Vermelho simboliza?

O primeiro símbolo é o capuz vermelho, que representa a chegada da primeira menstruação (símbolo do vermelho com sangue). É o início da sexualidade madura.

O lobo representa alguns homens (de personalidade psicopata) que procuram enganar meninas como Chapeuzinho Vermelho para que se deitem em sua cama. Ou se não conseguem enganá-los, não têm remorso em usar a violência para satisfazer o seu desejo de poder, o que se traduz na sexualidade violenta, "comendo".

A fantasia de vovó representa o engano, a imagem inofensiva que dão esses homens predadores, que se não dessem essa imagem não conseguiriam colocar os chapeuzinhos vermelhos na cama.

O caçador é o homem bom que consegue salvar Chapeuzinho

Vermelho de ter sido enganado e "comido" pelo lobo. É ele quem restaura o dano, a partir de um modelo de homem saudável que não quer o seu mal, mas a respeita e lhe deseja o bem.

Esta história é, portanto, um alerta às meninas que começam a ser mulheres para terem cuidado, serem prudentes e não con-

fiarem nos lobos que possam cruzar o seu caminho, especialmente lobos que parecem inofensivos como uma avó.

Se pais e mães querem que suas filhas se protejam dos lobos predadores que possam encontrar em sua vida (caminho), seria bom que não desistissem de contar essas histórias clássicas como a do Chapeuzinho Vermelho, de quando eles são poucos, porque o seu simbolismo, a sua metáfora e construção psicológica podem ser muito mais fortes do que qualquer conversa ou bronca quando, já na adolescência, ele se recusa a ouvir os conselhos dos pais.

Nos últimos anos, onde os contos de fadas já não têm uma boa impressão, a cultura tem gerado histórias, contos ou filmes que atacam e questionam estas histórias clássicas, sendo uma censura sem precedentes. Voltar às histórias clássicas não está na moda nem é bem visto, mas devemos nos perguntar por que há pessoas que insistem em insultar essas histórias clássicas.

FREUD, HISTÓRIAS E MITOS

A psicanálise foi uma das teorias que mais se interessou pelo valor das histórias e dos mitos. Freud, em sua obra A Interpretação dos Sonhos (1900), considera-os para explicar o pensamento característico do fenômeno onírico.

Em 1913, Freud propôs que o material da história tradicional fizesse parte dos sonhos e que a infância pudesse ser comparada com a história inicial das pessoas, com a intenção de desvendar o simbolismo onírico (1913a; 1913b).

Em O Lobisomem (1918), Freud argumenta que os contos de fadas oferecem à criança uma forma de pensar que corresponde à representação de si mesma.

Posteriormente, muitos autores se concentraram nos contos de fadas para relacionar seus conteúdos e formatos aos processos psíquicos conscientes e inconscientes. Entre eles, podemos citar Geza Roheim (1953), antropólogo e estudioso da psicanálise, que afirmou em seu livro póstumo As Portas dos Sonhos que os contos de fadas estão relacionados a experiências oníricas. Os contos de fadas seriam, segundo este autor, o resultado de experiências oníricas transmitidas oralmente.

A fruição e produção da literatura se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a esta necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como as anedotas, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos. No ciclo de divulgação do homem tudo isso culminou de certo modo nas formas impressas, divulgadas pelo livro, o folheto, o jornal, a revista, poema, conto, narrativa romanceada, romance ((CANDÍDO, 1981, p.94).

Os contos de fadas são narrativas sobre seres mágicos e fantasias, sendo considerados histórias ficcionais. Apesar dos séculos que se passaram, estas histórias continuam a impactar a sensibilidade das crianças que hoje consideramos “nativos digitais”. Prova disso são os filmes e sagas literárias que nos últimos anos assumiram os enredos dessas histórias e ganham cada vez mais popularidade entre as crianças. As crianças se apropriam dessas tramas fantásticas e as recriam, redefinindo-as a partir de suas próprias experiências, medos e conflitos.

Pelo local onde Freud escolheu publicar suas reflexões – em revistas ou em formato de livro – pode-se deduzir do seu corpo teórico a distância e a proximidade que ele quis manter de suas aplicações. A verdade é que nem sempre conseguiu. Teoria, prática clínica e crítica são conceitos que em Freud, e principalmente no início, estão interligados.

O texto literário serve de pré-texto para o texto teórico e a clínica utiliza o texto literário como caso clínico. Se Freud recorre à linguagem figurativa da arte e da literatura, é para tentar superar os limites da linguagem científica. Assim, ora utiliza o texto literário como caso clínico e outras vezes, quando por questão de ética profissional não pode utilizar os casos de sua clínica particular. Por exemplo, em seu artigo: “Vários tipos de caráter descobertos no trabalho analítico”, ele diz: “O sigilo profissional nos proíbe de utilizar os casos clínicos que observamos para expor o que sabemos e suspeitamos sobre tais tendências. Assim, por exemplo, para explicar os mecanismos de certos neuróticos, "as exceções", isto é, daqueles que exigem uma compensação vitalícia pelo narcisismo ferido pela natureza por não os ter dotado de determinada quantidade ou qualidade.

OS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas, devido ao seu caráter fictício e polissêmico, têm motivado várias produções, incluindo acadêmicas, em diversas áreas do saber e da indústria cultural editorial e cinematográfica.

As histórias, que inicialmente foram adaptadas por Charles Perrault, Hans Christian Andersen e os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, ao serem transcritas das tradições orais das quais faziam parte, também foram reinterpretadas com o surgimento e o avanço tecnológico dos processos de edição, do cinema e da indústria cinematográfica em geral, que expandiram as inscrições da ficção em outros segmentos como o texto em articulação com o desenho impresso e os filmes baseados em obras impressas.

O caráter fictício é, provavelmente, o que justifica o uso do gênero conto pela Psicanálise para facilitar a compreensão de fenômenos complexos e abstratos do desenvolvimento emocional humano nos primeiros anos de vida.

Ao empregar as narrativas de contos fantásticos como metáforas para os conflitos do desenvolvimento infantil, os freudianos não apenas potencializaram o simbolismo como forma de explicação de nossas angústias pessoais nas fases mais tenras da vida: também contribuíram, paralelamente, para a consolidação dos contos clássicos como gênero de literatura infantil. Nessa perspectiva, a obra do psicólogo psicanalista judeu austríaco Bruno Bettelheim "A psicanálise dos contos de fadas" (1977), é considerada a principal expoente nesse processo de segmentação da literatura no século XX, como se pode supor a partir da afirmação de Corso (2006, p.26):

> A obra de Bruno Bettelheim foi a pedra fundamental da produção analítica sobre os contos de fadas, ensinando-nos os mecanismos de sua eficácia na vida das crianças. Podemos inclusive dizer que seu texto foi decisivo para a legitimação dos contos de fadas enquanto dignos de fazer parte da formação das crianças contemporâneas. [...] Bettelheim elevou os contos de fadas ao estatuto de recomendáveis, o que certamente também contribuiu de alguma forma para sua sobrevivência e popularidade.

Isso não implica que Bettelheim não teve um antecessor. Esse processo pode ter começado com a publicação, por Charles Perrault, de uma versão do conto "Pele de Asno" específica para crianças, incluída na coletânea "Contos da Mamãe Gansa" (1697).

A influência do psicólogo austríaco foi significativa devido à fundamentação teórica em Psicanálise, uma ciência relativamente nova que ganhou grande reconhecimento no século XX. Assim, os contos de fadas, compilados com algumas modificações, passaram a ser recomendados especificamente para um público infantil. Embora essas modificações não justifiquem tal segmentação.

As narrativas eram empregadas ao buscar atribuir sentido a alguma sutileza da experiência humana, cuja complexidade dificultaria a assimilação ou compreensão por parte dos grupos de pessoas, independentemente de sua idade. Isso ocorria porque os contos de fadas não eram destinados a uma faixa etária específica, mas sim como um meio de compartilhar a experiência humana concreta em uma determinada estrutura social.

Indubitavelmente, as diversas interpretações que os textos literários permitem abordagens lúdicas dos conhecimentos fundamentais em Geografia, por exemplo, como o movimento histórico humano que define os conceitos fundamentais dessa disciplina. Ao ser analisada a partir da perspectiva desses conceitos geográficos fundamentais, a residência de Pele de Asno teve dois significados e conceitos em dois momentos distintos: inicialmente, enquanto sua mãe, a rainha de grande beleza, estava viva, a casa real era concebida como um local. Lá, ela vivia com seus pais e os criados que os serviam, possuía seu próprio quarto para estar e retornar após cada passeio, descansando como uma verdadeira princesa. Desse modo, ela desenvolvia uma relação afetiva com o espaço, conforme proposto por Pena (2012, p. 37):

> [...] o lugar pode ser definido como o espaço percebido, ou seja, uma determinada área ou ponto do espaço da forma como são entendidos pela razão humana. Seu conceito também se liga ao espaço afetivo, aquele local em que uma determinada pessoa possui certa familiaridade ou intimidade, como uma rua, uma praça ou a própria casa.

Em um segundo momento, após o falecimento de sua mãe e o surgimento da perturbadora paixão incestuosa de seu pai, o rei, pela princesa, as relações de Pele de Asno com o espaço sofreram alterações semelhantes às suas relações com seu pai. O palácio se transformou em um território onde sua existência passou a ser atormentada pelo assédio do rei, que detinha todo o poder sobre os criados e os ambientes do espaço físico. Já não era mais um lugar de descanso para ela, e a relação afetiva com o palácio não existia mais. O palácio tornou-se um espaço de domínio exclusivo e exercício de poder por parte de seu pai, o rei, e, para preservar sua integridade física e moral, a princesa precisou se retirar.

Do ponto de vista de Pele de Asno, o palácio deixou de ser um conceito de lugar e passou a ser considerado um território, conforme definido por Pena (2012):

> [...] a conformação de um território obedece a uma relação de poder, podendo ocorrer tanto em elevada abrangência (o território de um país, por exemplo) quanto em espaços menores (o território dos traficantes em uma favela, por exemplo)

Essa breve ilustração do ensino da Geografia por meio de contos de fadas, apresentada nos parágrafos anteriores, atende,

de certa forma, a uma antiga demanda dos geógrafos, como expressado por Milton Santos3 (1988, p.21), que defendia que o ensino da Geografia deveria enfatizar o conjunto das relações humanas [o movimento humano] em todas as suas formas, incluindo as relações de poder, como fatores de transformação do espaço geográfico. Os exemplos elaborados neste estudo demonstram que esse empreendimento é plenamente viável, mesmo no contexto ficcional da literatura dos contos de fadas.

Os contos clássicos atendem a essa concepção de ensino, pois valorizam o movimento humano, especialmente em suas formas elementares de conflitos familiares. Dessa maneira, as necessidades socioeducativas que os professores enfrentarão justificam todos os esforços para aproveitar as múltiplas possibilidades das histórias fantásticas, que podem ser incorporadas em propostas de ensino de diversos campos científicos do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Contos de Fadas também revelam a importância de mediadores externos à família nos processos educativos. Esse reconhecimento encontra validação na figura que define essas narrativas como histórias de fadas: as próprias fadas. Elas surgem como seres místicos com uma presença física e desempenham o papel de educadoras e guias na resolução dos conflitos familiares dos heróis, ou como instrutoras dos vilões, proporcionando-lhes lições ou fazendo-os enfrentar as consequências de suas ações.

Certamente, não encontraremos nas histórias fantásticas a formalidade da instrução dos nossos tempos, com todo o sistema político e ideológico envolvido, como salas de aula, livros didáticos, planos de ensino público, planos de aula, diretrizes curriculares, entre outros. No entanto, a ficção [neste caso, a literatura] não precisa servir a nenhuma ideologia específica. No entanto, reconhecemos neste trabalho a educação e a instrução como práticas sociais, embora permeadas por diversos interesses e mediadores políticos e ideológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASTORGA, A. Matute, contra a perversão dos contos de fadas. ABC. 2011.

BETTELHEIM, B. Psicanálise dos contos de fadas. Editorial Planeta. 2012. CORSO, Daiana Lichtenstein; CORSO, Mário. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, E. Os bandidos da história. Como sobreviver entre pessoas tóxicas. Editorial Planeta. 2017.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In J. Strachey (Ed. e trad.). A edição padrão das Obras Completas de Sigmund Freud (Volume IV). A interpretação dos sonhos (primeira parte), IX-627. Londres: Hogarth Press. 1900.

FREUD, S. (1913a). Interesse pela psicanálise. Em Obras Completas (Vol. XIII). Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000.

FREUD, S. (1913b). Materiais de histórias tradicionais em sonhos. Em Obras Completas (Vol. XII). Buenos Aires: Amorrortu Editores.

FREUD, S. (1918). História de neurose infantil (caso do "Homem Lobo"). Em Obras Completas. Madri: Biblioteca Nueva, 2, 1941-2010.

GÓES, L. P. Introdução à literatura infantil e juvenil. 2. ed. São Paulo: Pioneira. 1991.

HIRIGOYEN, M. Assédio moral: Abuso psicológico no dia a dia. Paidos Ibéricos. 1999.

PENA, Rodolfo F. Alves. Categorias da Geografia. Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/geografia/categorias-geografia.htm>. Acesso em: 1 nov.2023.

PIÑUEL, I. Família Zero. Como sobreviver aos psicopatas na família. Esfera do livro. 2020.

TODOROV, T. (1976). Introdução à literatura fantástica (1ª ed., 2ª reimpressão, 2011). Buenos Aires: Paidos.

VALLESPÍN, I. "Chapeuzinho Vermelho" banido por ser sexista. O país.

2019.

VILLEGAS, M. Prometeu no sofá. Publicação Herder. 2013.